UMA ATRIZ

KATIA D'ANGELO

Depois de cruzar com o teatro infantil e o filme publicitário mais ou menos por acaso, Katia D'Angelo encontrou o cinema — e foi, segundo ela, "uma paixão à primeira vista". Em pouco tempo, tornou-se um dos rostos mais conhecidos das nossas telas, graças principalmente ao filme *Marília e Marina.* Mas faz tudo para fugir do estereótipo que a ronda sempre, o de *menina ingênua.* Querendo "tudo a que tiver direito da vida", quando não está filmando ela escreve poemas e peças de teatro, faz televisão e procura ver todos os filmes brasileiros, inclusive as pornochanchadas. Com apenas três anos de profissão, conquistou, este ano, o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Gramado, por sua atuação em *Barra Pesada* e o conjunto de seus trabalhos até agora.

— De que maneira você se tornou atriz de cinema?

— Foi um processo muito rápido. Eu comecei fazendo teatro e cinema publicitário ao mesmo tempo. Antes, era instrumentadora cirúrgica. Trabalhava num consultório de cirurgia plástica. Como os doutores ainda eram jovens, com pouca clientela, eu ficava a maior parte do tempo tocando flauta doce e escrevendo poemas. Sentia a necessidade de mostrar as coisas que eu escrevia, a quem fosse capaz de dar uma opinião. Foi quando eu descobri um bar, o Acapulco, freqüentado por gente de teatro. Lá eu conheci atores e comecei a me interessar mais por teatro, a ver todas as peças que estavam em cartaz. Um dia soube que Pedro Porfírio ia começar a formar o elenco de *Faça Alguma Coisa Pelo Coelho.* Fui procurá-lo, embora eu não estivesse muito decidida a ser atriz. Eu queria mesmo era escrever peças. Sempre gostei de escrever. Do contato com Pedro Porfírio resultou para mim uma figuração, mas acabei ficando com o papel principal da peça, que foi o grande sucesso do teatro infantil em 1974. Logo que vi que estava me tornando atriz, tratei de entrar para um curso de teatro e um curso de dicção. Nessa mesma época recebi convite para fazer um filme de publicidade, e minha primeira aproximação de uma câmera foi tão relaxada, tão íntima, que parecíamos velhos amigos. Embora o cinema de publicidade me fascinasse, não satisfazia minhas necessidades interiores, e continuei escrevendo para teatro. É de minha autoria um musical infantil chamado *A Salada,* que obteve menção honrosa no Festival de Teatro Infantil do Gláucio Gil e foi encenado em 1976. Minha participação no teatro infantil, como atriz, fez com que Fernando Peixoto me convidasse para integrar o elenco de *Calabar.* Só recentemente ele me revelou que eu tinha sido a primeira pessoa escolhida. Embora a peça seja inédita, foi o trabalho mais importante, em termos de alcance político-social, do qual participei. Eu fui lançada, assim, como atriz de teatro. Quando, finalmente, descobri o cinema, foi uma paixão à primeira vista, um encontro maravilhoso. Esta descoberta deu-se em 1975, quando estreei no episódio dirigido por Domingos de Oliveira em *Deliciosas Traições de Amor.*

— O que significa ser atriz para você?

— Não é somente uma profissão. É algo mais do que isso, porque eu não a trocaria por nada. Para mim, significa o meu dia-a-dia, a mi-

nha vida. Existe uma coisa fascinante no trabalho de atriz que é a construção simultânea de três histórias: da atriz, do personagem e da filmagem. Eu sempre vi o personagem como uma *pessoa,* uma pessoa com vida própria, existindo num universo paralelo. Por exemplo, na filmagem de *Marília e Marina,* quando fechávamos a casa ao fim do dia, minha impressão era de que eu tinha deixado a Marília lá dentro. Eu era uma pessoa e a Marília outra. Tudo o que estávamos filmando acontecia de fato naquela casa. Há, além disso, a história da produção do filme propriamente dita, que é também uma história muito independente. Falo especificamente do cinema porque na televisão as relações são outras. É impossível viver com as mesmas pessoas uma história comum, que envolve e arrebata a todos por dois ou três meses, porque tudo é muito mecanizado. E é esse relacionamento humano no trabalho, e esse trabalho de humanização do personagem, que considero importantes, como atriz. Há atores que se soprepõem ao personagem. Eu procuro ver o personagem como uma pessoa mais forte do que eu e esforçar-me para me sentir capaz de viver a sua história.

— Você prefere, então, o cinema à televisão.

— Sim, prefiro. Mas o mais importante, para mim, é fazer um trabalho bonito, dar tudo de mim, seja no cinema, no teatro ou na televisão.

— Que tipo de papel você gosta de interpretar?

— Não tenho preconceito contra nenhum tipo de papel, desde que haja a possibilidade de uma troca com o personagem. Eu já fiz até show de Carlos Machado para adquirir experiência. Tive que lutar contra certos preconceitos, é claro, mas foi importante para mim naquele momento. Hoje, minha única preocupação é me sentir verdadeira, ao aceitar o trabalho. Fora isso, quanto mais diversificado o papel, melhor. Acho a especialização do ator num tipo único uma coisa prejudicial, que leva a uma acomodação muito grande e a um desgaste rápido. E essa é uma tendência muito forte, que começou a me atingir particularmente, e contra a qual tenho de lutar. Como eu fiz uma menina ingênua na novela *O Anjo Mau,* imediatamente pensaram em mim quando precisaram de outra menina ingênua. Recusei. Por mais que tentem me enquadrar num estereótipo, procuro fugir dele e viver um novo tipo de personagem. A prostituta de *Barra Pesada* nada tem a ver com a figura de Marília. O aspecto mais gratificante do trabalho de atriz é justamente eu poder pôr para fora as diversas Katias que existem dentro de mim. É poder ser agressiva ou doce, adulta ou infantil.

— Como é seu relacionamento com os diretores?

— Às vezes é meio complicado, porque me envolvo muito emocionalmente com o trabalho

Em Barra Pesada (1977).

e o diretor não é obrigado a aceitar que a minha sensibilidade esteja à flor da pele. Levo tão a sério o papel que me foi confiado e dou tal importância ao resultado que eventualmente me exponho e corro o risco de um atrito, com a melhor das intenções. É claro que sigo as instruções do diretor e acato todas as suas decisões, mas confesso que algumas vezes tomo umas iniciativas muito próprias sobre a melhor maneira de atingir o resultado pretendido por ele. Assim, se a minha intuição indicar que devo tomar um conhaque para fazer bem uma determinada cena, eu vou tomá-lo, apesar de saber que o diretor vai brigar comigo, vai dizer que não é profissional beber em cena. E eu vou discutir com ele sobre o que é ser profissional.

— *E o que é ser profissional?*

— Ser profissional, para mim, é procurar chegar no horário, ter um bom relacionamento com a equipe e fazer um bom trabalho de interpretação. Uma vez, em *Barra Pesada,* eu cheguei com duas horas e meia de atraso ao local de filmagem. Não há nada mais antiprofissional do que deixar uma equipe inteira esperando uma atriz por tanto tempo. Mas também não há nada de mais anti-humano do que as pessoas nem procurarem saber, quanto mais compreender, o motivo do atraso. Acontece que nesse dia eu não tinha com quem deixar meu filho, que havia passado a noite doente. Enquanto eu olhava aflita para o relógio, procurando alguém com quem pudesse deixá-lo, não sabia naquele momento o que era ser profissional. Por um lado, sabia que a equipe estava me esperando e me sentia terrivelmente culpada por isso; por outro lado, tinha absoluta consciência de que não trabalharia bem naquele dia se deixasse meu filho sozinho. Quando, afinal, pude ir para a filmagem, encontrei todos de mau humor, evidentemente. Expliquei ao pessoal o que tinha acontecido, contei todo o meu sofrimento por aquele atraso e pedi a todos para concordarem comigo numa coisa: já que havíamos perdido duas horas e meia, o melhor que tínhamos a fazer era não brigar e começar a trabalhar logo, de bom humor, para recuperar o tempo perdido. E tudo saiu muito bem no resto do dia. Rendi tudo o que pude, coisa que não teria acontecido se, por um falso escrúpulo *profissional,* naquele dia eu tivesse chegado na hora certa.

— *Esse trabalho em* Barra Pesada *lhe valeu o primeiro grande prêmio de sua carreira.*

— Na verdade, eu não esperava ganhar o prêmio do Festival de Gramado, porque acho que em *Barra Pesada* não fiz um trabalho de construção de personagem como, por exemplo, em *Marília e Marina.* E eu só queria ganhar prêmio quando julgasse que merecia. Só me tran-

Com Fernanda Montenegro em Marília e Marina (1976).

qüilizei quando soube que os jurados haviam me escolhido não só pela minha atuação no filme do Reginaldo mas também por tudo quanto havia feito antes. Era um prêmio pelo conjunto dos meus trabalhos no cinema até agora. Intimamente, eu me senti então mais premiada por *Marília e Marina*. Representar Marília foi um grande desafio para mim porque ela significava, naquele momento, tudo o que eu negava como pessoa. Era também o meu primeiro papel realmente importante no cinema e eu pensei em aproveitar a oportunidade para um desempenho que explodisse na tela. Mas, felizmente, fui madura o bastante para me segurar, não colocar no personagem toda a minha força, para descobrir a força da própria Marília. Assim, como ela era uma menina frágil, submissa, eu procurei construí-la *para dentro*, fazer um trabalho que puxasse mais para a sensibilidade do espectador.

— O que você acha da regulamentação da profissão de artista?

— Eu não pude participar muito da luta pela aprovação do projeto, por causa da gravidez, mas naturalmente este é um assunto da maior importância para nós. E muito complexo também. Pelo que conheço do texto da regulamentação, não acho que seja a solução para todos os problemas da classe. O desrespeito ao trabalho do ator é, a meu ver, apenas um aspecto de um problema mais amplo, o desrespeito ao valor do trabalho em si. Acho, por exemplo, que deveria haver uma cláusula garantindo aos atores e técnicos, além de um salário, participação na renda do filme. Assim, se o filme fosse um sucesso, como tem acontecido, ou se a novela fosse vendida para o exterior, eles ganhariam uma percentagem também.

— Quais são os seus planos imediatos: cinema, teatro, novela?

— Eu nunca tenho previamente definido o que gostaria de fazer. Apenas tento me aperfeiçoar cada vez mais. Até hoje estudo canto, dança, faço exercícios de teatro. Se alguém chegar aqui com o roteiro de um filme e outro com uma peça de teatro, eu vou fazer o que me interessar mais, o que estiver mais próximo de mim, porque cada trabalho profissional é também para mim uma aventura emocional. Tenho muita vontade de voltar a fazer teatro, mas tem que ser um trabalho que me motive o suficiente para sair de casa todas as noites. O teatro é uma atividade fantástica para o ator, mas, ao mesmo tempo, uma carga muito forte. Antecipadamente eu não sei se deveria fazer teatro, cinema ou televisão. Não sei que tipo de trabalho me satisfaria mais. A única certeza que tenho é a de que não quero me envolver na badalação da tevê, virar um mito. Admito que uma atriz possa se

Com Jece Valadão em Quem Matou Pacífico? (1977).

tornar uma estrela de grande popularidade, mas de uma forma natural, espontânea, se ela for mesmo uma personalidade que tem tudo para irradiar brilho. Não por artifício ou por programa. Não tenho então nada contra ser uma estrela, desde que isso não me privasse da liberdade, não me bloqueasse o crescimento interior, não me impedisse de continuar sendo uma pessoa real, de carne e osso. Quando fiz a Toninha, em *O Anjo Mau,* o personagem chegou a ter o *Ibope* mais alto da novela. Mas nunca deixei que o público me confundisse com a Toninha. Eu falava da Toninha com o público, e não como se fosse a Toninha. É importante mostrar sempre ao público que ator não é um mito, mas uma pessoa.

— E sua antiga vocação para escrever?

— Continuo escrevendo. Eu não quero só ser atriz. Quero tudo a que tiver direito da vida. Recentemente li um poema meu no Teatro Tereza Raquel. Foi uma experiência muito boa porque foi a primeira vez que eu li um poema

Com Stepan Nercessian em Barra Pesada.

Com Denise Bandeira em Marília e Marina.

publicamente, além de tudo meu, e acho que consegui emocionar a platéia. Também escrevi um *Caso Especial* para a televisão, que deverá ser encenado. Para o cinema tenho pronto um roteiro de curta-metragem que eu própria gostaria de dirigir, embora sabendo que ainda não estou tecnicamente preparada para isso. Acho que as pessoas que são apaixonadas pelo cinema acabam sempre querendo dirigir um filme porque o cinema é tão empolgante, mexe tanto com a gente, que sentimos a necessidade de nos unir a ele de uma maneira cada vez mais direta.

— *Qual a sua opinião sobre a fase que atravessa atualmente o cinema brasileiro?*

— Eu procuro ver todos os filmes brasileiros, inclusive as pornochanchadas, que não gosto. Dos últimos filmes aqui exibidos, achei *Chuvas de Verão,* de Cacá Diegues, um filme lindíssimo, como também achei de um humor inteligentíssimo o *Se Segura Malandro,* do Carvana, mostrado em sessão especial. Mas o filme de que mais gostei foi *A Queda,* de Rui Guerra e Nélson Xavier. É um filme importante não só em termos do que estamos vivendo atualmente, como também por ter escapado do perigo de ser um filme fechado. *Lúcio Flávio* abafou demais o *Barra Pesada,* que considero uma denúncia tão ou mais corajosa do que a dele. Se existisse uma distribuição mais racional, os dois filmes teriam seus espaços próprios. Acho um mau sinal o fato de *Barra Pesada* ainda não ter sido exibido em São Paulo e Belo Horizonte por causa de *Lúcio Flávio.* Antigamente lutávamos contra os filmes estrangeiros, pelo mercado. Agora pode virar uma competição entre os próprios filmes nacionais, porque alguns têm uma distribuição privilegiada e rendem milhões, enquanto outros se vêem prejudicados. Não sei qual seria a solução ideal, mas isso não está certo. *Barra Pesada* foi passado para trás. Outra coisa que não está certa é alijar do mercado o pequeno produtor, pois isso representa um grave prejuízo para a nossa cultura.

(Entrevista a Marhel Darcy de Oliveira).